

## **Profissionalização e especialização dos leilões de arte no Rio de Janeiro**

CAROLINE FERNANDES SILVA\*

### ***Leilão e historiografia***

Durante o século XX, os leilões se tornaram um dos principais componentes do mundo da arte, o que justifica o recente interesse da historiografia ao voltar cada vez mais atenção para esse tipo de evento. Um dos primeiros a sistematizar o que seria uma história dos leilões, em 1985, foi Brian Learmount<sup>1</sup>, membro de uma família de leiloeiros de Iver, região sudeste da Inglaterra.

No conjunto das atividades de caráter comercial, o leilão pode ser entendido como um sistema de negociação cuja finalidade é dispor de maneira rápida e eficiente de uma ampla quantidade de mercadorias. Trata-se de uma relação específica de compra e venda, caracterizada pela publicidade e competição entre os participantes para aquisição de um determinado bem. Essa relação geralmente é objeto de certas condições e limitações determinadas e/ou sujeitas à aplicação da lei.

O interesse dos pesquisadores pelo mercado de arte começou a ganhar força há pouco mais de 30 anos, como destaca Neil de Marchi na introdução de uma coletânea sobre a história do colecionismo do ponto de vista do comércio de objetos artísticos, incluindo os mecanismos concebidos para criar clientes e mercados, as redes criadas por agentes e vendedores e a relação dos colecionadores com dos negociadores e o próprio mercado<sup>2</sup>.

Esse interesse deve-se em grande parte a Michael Montias, pesquisador e economista de origem francesa que se dedicou a fontes holandesas e flamengas na década de 1970. Atualmente podemos encontrar um sólido volume de publicações e pesquisas em andamento relativas ao mercado de arte italiano, assim como sobre a França e a Espanha. Nesses dois casos, em particular, já é possível acompanhar um processo de ampliação de investigações em direção a outras cidades provinciais e seus arquivos. Isso tudo graças a alguns esforços realizados por equipes menores de pesquisadores ou mesmo grupos informais.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o apoio da CAPES.

<sup>1</sup> LEARMOUNT, Brian. *A history of the auction*. London: Bernard&Learmount, 1985.

<sup>2</sup> WARREN, Jeremy; TURPIN, Adriana. *Actions, Agents and dealers: The Mechanisms of the Art Market (1660-1830)*. London: Archaeopress, 2008. pp. 10.

Há ainda um movimento importante no sentido de estender as reflexões sobre os leilões além dos casos parisiense e londrino, que motivaram os primeiros estudos. Um bom exemplo foi a publicação do livro de Shireen Huda, *Pedigree and Panache* dedicado ao caso australiano. No Brasil, percebe-se que os estudos sobre a prática de colecionar e a negociação de objetos artísticos vem despertando o interesse de pesquisadores, abrindo caminho para novas investigações sobre os leilões<sup>3</sup>.

A mais antiga referência sobre a prática do leilão remonta a Heródoto, por volta de 500 a.c., quando descreveu a venda de esposas na Babilônia, embora presume-se que essa atividade venha sendo praticada desde muito antes disso. A palavra leilão em inglês (*auction*) vem do latim *auctio* que, por sua vez, quer dizer aumentar, crescer. Embora tenha se popularizado a noção de que no leilão a competição ocorre por meio de sucessivas ofertas de valores ascendentes, tanto a forma quanto o método de licitarem um leilão podem variar de um país para outro e tem sofrido alterações ao longo do tempo.

Historicamente, leilões de objetos artísticos cresceram a partir da venda de bens de segunda mão, geralmente decorrente do espólio de pessoas falecidas, juntamente com móveis, utensílios de cozinha, talheres, roupa de cama, espelhos, relógios, livros, gravuras, tapeçaria, etc. O primeiro sinal de especialização apareceu em Florença, no fim do século XV e início do subsequente. Ao mesmo tempo, a partir do século XVI, os leilões ganharam cada vez mais espaço nos principais mercados de arte de Paris e Londres. Sem um local específico para abrigar esse tipo de evento, os leilões costumavam ocorrer em cafeterias, tavernas, papelarias.

Por volta das últimas décadas do século XVII, vários desses estabelecimentos começaram a se especializar na venda de livros e imagens. Na virada do século XVIII para o XIX, os leilões tornaram-se tão numerosos na Europa, e o volume dos objetos leiloados cresceu tanto, que as cafeterias não mais comportavam esse tipo de negociação. Surgiram então as primeiras salas permanentes para realização de leilões, duas das mais tradicionais são as inglesas Christie's e Sotheby's, estabelecidas em Londres em 1766 e 1745, respectivamente.

---

<sup>3</sup> Sobre a cena artística na cidade do Rio de Janeiro, ver: LIMA, Lucia de Meira. *O Palace Hotel: um espaço de vanguarda no Rio de Janeiro*. IN: CAVALCANTI, Lauro (org.). *Quando o Brasil era moderno: artes plásticas no Rio de Janeiro, 1905-1960*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001. p. 60-119; DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855-1985*. São Paulo: Perspectiva, 1989; LUZ, Ângela Ancora da. *Uma breve história dos salões de arte: da Europa ao Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Caligrama, 2005.

No Brasil, a afirmação do leilão como uma atividade comercial se deu ao longo do século XIX. Com o fim do monopólio exercido pela Coroa Portuguesa em 1808, houve um grande crescimento do fluxo de mercadorias que chegavam todos os anos ao porto do Rio de Janeiro, a maior parte delas formada por manufaturas europeias. Num primeiro momento, destacaram-se produtos ingleses que, posteriormente, iriam concorrer principalmente com os de origem francesa. O leilão foi uma das formas de garantir a absorção desse intenso fluxo de mercadorias pela sociedade brasileira. O aumento do número de leiloeiros e sua atuação no mercado brasileiro gerou a necessidade de regulamentação dessa atividade, efetuada inicialmente por meio de decreto em 1851<sup>4</sup>.

### ***Profissionalização do leilão***

Ao descrever o processo de ocupação da Rua da Alfândega, em *História das Ruas do Rio*, Brasil Gerson observa que “com os primeiros comerciantes ingleses chegados ao Brasil, após a abertura dos portos, vieram também alguns leiloeiros, líderes desse comércio na cidade na primeira metade do oitocentismo”<sup>5</sup>. Um desses imigrantes que se estabeleceu no ramo dos leilões durante várias décadas a partir de 1808 foi o comerciante e corretor Jorge João Dodsworth, conhecido por ser o vendedor do jornal *Correio Brasiliense*, escrito e publicado em Londres por Hipólito da Costa<sup>6</sup>.

Na Gazeta do Rio de Janeiro de outubro de 1818, na seção de Avisos, há uma nota de Dodsworth informando aos seus amigos e ao público em geral que ele continuava recebendo “fazendas de todas as qualidades no seu armazém, rua d’Alfandega n. 14, para vender em leilão ou particularmente”<sup>7</sup>. Esse tipo de notificação servia também para divulgar seu negócio, como uma forma de propaganda popularizada principalmente a partir da segunda metade do século XIX, como podemos perceber nas publicações do *Jornal do Commercio*<sup>8</sup>.

Embora os leilões pudessem ser considerados como uma atividade comercial conhecida pelo público do Rio de Janeiro oitocentista, levando em conta um número pouco

<sup>4</sup> Decreto n. 858, de 10 de novembro de 1851.

<sup>5</sup> GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1965. p. 80-81.

<sup>6</sup> Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (1774-1823) foi um diplomata e jornalista brasileiro, preso pela Inquisição Portuguesa por difundir ideias maçônicas. Em Londres, onde viveu exilado, publicou o jornal *Correio Braziliense* entre 1808 e 1823, que fazia oposição à imprensa oficial.

<sup>7</sup> Gazeta do Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1818. p. 4.

<sup>8</sup> Um dos mais antigos jornais da América Latina, o *Jornal do Commercio* circula com esse nome desde 1827.

desprezível de eventos desse tipo realizados anualmente na cidade<sup>9</sup>, os comerciantes que comumente organizavam os pregões não se dedicavam exclusivamente a esse tipo de negociação. Jorge João Dodsworth, por exemplo, também era corretor de imóveis e navios, vendia artigos de vestuários por comissão, realizava câmbio monetário, entre outras atividades. Com o passar do tempo, como veremos a diante, o crescimento do mercado, de forma geral, favorecerá também o ramo dos leilões, que ganhará cada vez mais visibilidade e, com isso, passará por um processo de especialização.

Naquela nota da Gazeta do Rio de Janeiro de 1818, há entre parênteses uma observação sobre a casa leilão de propriedade de Jorge João Dodsworth, que estaria “estabelecida nesta Corte há dez anos”<sup>10</sup>, reforçando a ideia de que o leiloeiro estaria entre as primeiras gerações de imigrantes ingleses que chegaram ao Rio de Janeiro após 1808. Os registros sobre seus negócios podem ser encontrado na imprensa na época até 1850, último anos em que seu nome foi publicado na relação de leiloeiros do *Almanak Laemmert*<sup>11</sup>.

Nas primeiras décadas do século XIX, os leilões costumava ser realizados nas próprias residências dos leiloeiros ou em seus armazéns, mas também poderiam ocorrer no local de origem dos objetos, no caso dos bens móveis, por exemplo, esse local poderia ser a casa a qual eles pertenciam, como pode ser percebido no anúncio de 1815 transcrito abaixo:

“Há de se fazer em casa de J. J. Dodsworth, no. 14 da rua da Alfandega , no dia sexta-feira 7 do corrente mês a duas horas da tarde de uma grande coleção de livros em diferentes línguas, de pianos fortes, e de trastes de casa”<sup>12</sup>

As mercadorias que compunham os leilões faziam parte de um espectro bastante variado de tipologias, especialmente entre os bens móveis, incluindo desde utensílios domésticos, objetos decorativos, cortes de tecido, roupas e acessórios, passando por ferramentas, carruagens, cavalos, navios, até bebidas e alimentos. Algumas vezes os lotes reuniam um tipo de específico de objetos, geralmente manufaturas importadas da Europa, trazidas pelas centenas de navios que chegavam todos os dias no porto do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> O menor número de leilões anunciados na Gazeta do Rio de Janeiro durante o período de sua circulação (1808-1822) ocorreu em 1813, com um total de 5 leilões; a maior quantidade de leilões foi registrada em 1817, totalizando 18 ocorrências.

<sup>10</sup> Gazeta do Rio de Janeiro, Ib.

<sup>11</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1850. p. 359.

<sup>12</sup> Gazeta do Rio de Janeiro, 04 de abril de 1815. p. 04.

Outras vezes, como vimos no exemplo acima, elementos diversos formavam o montante leiloado, dependendo principalmente do motivo que deu origem ao pregão.

Durante o ano de 1809, portanto imediatamente após a abertura comercial que garantiu o aumento do fluxo de objetos importados que entravam na cidade do Rio de Janeiro, grande parte dos leilões anunciados na *Gazeta do Rio de Janeiro* tinha como fim a venda de fazendas de tecidos ingleses e outros acessórios, caracterizando os primeiros anos das importações. Como mostra Camila Borges da Silva em seu estudo sobre a indumentária na Corte joanina<sup>13</sup>, essa vantagem comercial obtida pela Inglaterra, que àquela altura já possuía uma produção industrial consolidada e cuja qualidade e quantidade dos produtos dificultava a concorrência com outras potências exportadoras, tem a ver também com as taxas alfandegárias que beneficiaram os ingleses, principalmente depois da ratificação do *Tratado de Comércio e Navegação* feita por Dom João em 1810.

Ao longo das primeiras décadas, contudo, já é possível notar uma certa profissionalização desse comércio em ascensão, como notou Mayara Pereira ao estudar o comércio de instrumentos musicais na cidade do Rio de Janeiro. Segundo a pesquisadora, era cada vez maior a variedade de produtos encontrados à disposição dos habitantes da cidade no século XIX, além disso, os anúncios que inicialmente eram feitos por anônimos ou particulares, geralmente tratando de apenas um ou alguns instrumentos, dão lugar a dezenas de negociantes de diversos tipos de mercadorias que começam a incluir os instrumentos entre suas mercadorias até que, especialmente após a segunda metade do oitocentos, é possível perceber uma série de comerciantes e armazéns especializados em música ganhando cada vez mais projeção no mercado carioca<sup>14</sup>.

No ano de 1862 o artista francês François-Auguste Biard (1798-1882) publicou em Paris a obra *Deux années au Brésil*<sup>15</sup>, reunindo relatos e imagens por ele produzidos durante os anos 1858 e 1859, quando percorreu diversas regiões o território brasileiro. Uma parte desses dois anos, Biard permaneceu na cidade do Rio de Janeiro, trabalhando no ateliê do Paço Imperial, disponibilizado para ele por Dom Pedro II. O artista, que foi retratista oficial

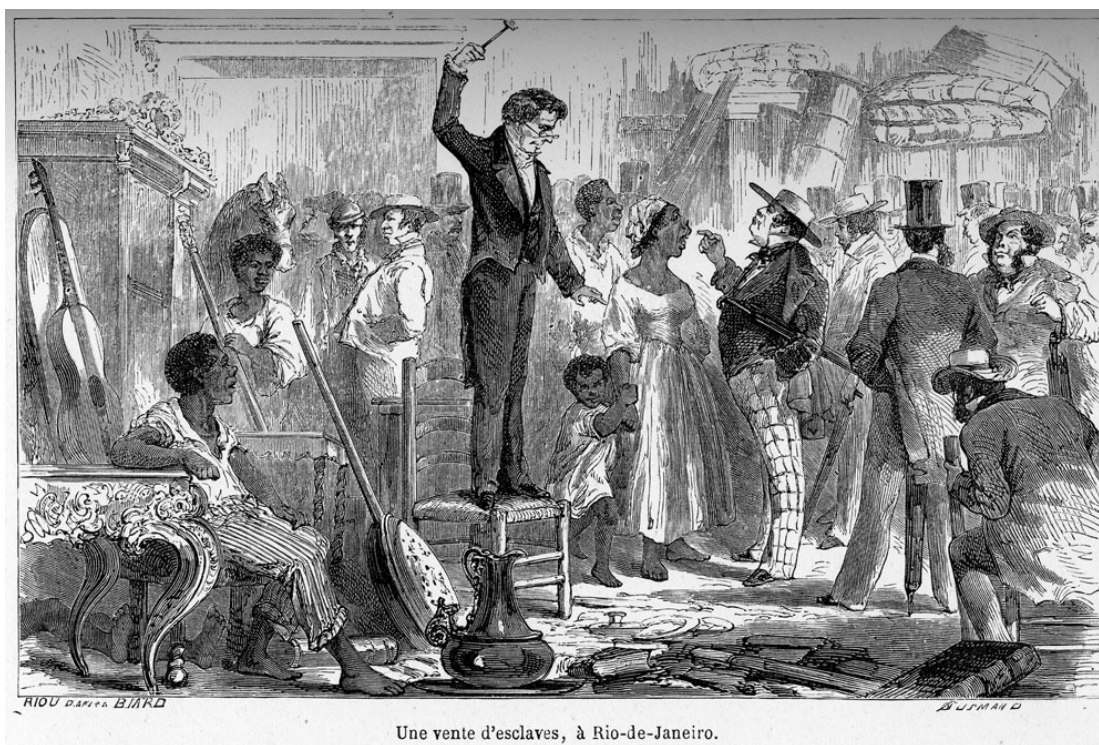
<sup>13</sup> SILVA, Camila Borges. O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.

<sup>14</sup> PEREIRA, Mayara. *O comércio de instrumentos musicais no Rio de Janeiro no início do século XIX: um olhar através dos anúncios de jornais*. Rio de Janeiro: Anais do II Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Musicologia – SIMPOM, 2012.

<sup>15</sup> BIRARD, François-Auguste. *Doux années au Brésil*; ouvre ill. de 180 vignettes dessinée par Riau. Paris, L. Hachette, 1862.

da corte francesa, também se dedicou a retratar membros da corte portuguesa durante sua estadia no Brasil e foi convidado a ser professor honorário da Academia Imperial de Belas Artes.

O livro de Biard conta com cerca de 180 gravuras feitas por E. Riou (1833-1900) a partir dos croquis trazidos da viagem, entre elas, duas se referem a venda de escravos. No texto referente àquelas imagens, Biard compara dois tipos diferentes de vendas de escravos que testemunhou no Rio de Janeiro: uma realizada em uma loja e outra em uma residência particular. Curiosamente, o viajante francês destaca que não percebeu grandes diferenças entre as duas vendas, a não ser pelo detalhe de que no estabelecimento comercial, o vendedor estava sobre uma caixa de queijo, enquanto na casa, o leiloeiro estava em pé sobre uma cadeira, segurando um pequeno martelo.



Une vente d'esclaves, à Rio-de-Janeiro.

Embora estivesse preocupado com a venda de escravos, Biard abriu as portas da residência para nos mostrar de perto o cotidiano de um leilão. Na cena, o leiloeiro ganha destaque ao centro da imagem, ao seu redor diversos objetos estão dispostos no chão e uns sobre os outros. Facilmente identificamos uma mesa, um armário, a cadeira sobre a qual está

em pé o leiloeiro; instrumentos musicais, livros, um espelho, um jarra e alguns escravos, homens e mulheres de diferentes idades, inclusive uma crianças . Durante o pregão, um possível comprador analisa minuciosamente os dentes da negra de mãos dadas com uma criança no segundo plano, enquanto os demais visitantes aparecem dispersos pela casa, trocando impressões entre si ou a procura de outros objetos.

Num primeiro momento, a identificação de os objetos artísticos nos leilões é dificultada porque os anúncios raramente continham uma descrição dos itens ofertados, o que posteriormente se tornaria uma prática bastante popular com a publicação dos catálogos. Isso não quer dizer necessariamente que não havia obras de arte em circulação, ou mesmo que elas não faziam parte do circuito de leilões. Na sessão de avisos da Gazeta de Notícias de 1817, por exemplo, foi anunciado um leilão de “pendulas, aparelhos de chá, quadros e outros artigos franceses”<sup>16</sup>. No ano seguinte, um leilão era anunciado em uma loja na Rua dos Pescadores, contendo “lindos quadros, guarnições de vestidos de ouro e prata, ricos aparelhos de porcelana, e da Índia, espelhos de todas as dimensões, trastes de mogne [sic], caixas de fogo de muitas variedades, e de um relógio Inglês, de construção a mais engenhosa, tocando diferentes sonatas e minuets, com a maior regularidade”<sup>17</sup>.

Embora a grande maioria das obras de arte mencionadas nos leilões ao longo do século XIX esteja relacionada ou a lotes formados objetos decorativos ou tenha sido encontrado em leilões de móveis, portanto misturadas aos demais objetos utilitários e decorativos que se somavam a totalidade dos bens leiloados, nas primeiras décadas do século XX já havia um nicho de mercado específico voltado para o leilão de obras de arte, cada vez mais independente dos leilões de móveis.

### ***Arte no leilão***

Com o advento do regime republicano, os bens pertencentes a Dom Pedro II e sua família integraram em 1890 o famoso Leilão do Paço de São Cristóvão e da Fazenda de Santa Cruz, com mais de mil lotes vendidos em 13 pregões. Embora não se tratasse de um leilão dedicado apenas a objetos artísticos, o montante de pinturas e esculturas que compunha a

<sup>16</sup> Gazeta do Rio de Janeiro, 07 de junho de 1817.

<sup>17</sup> Gazeta do Rio de Janeiro, 20 de junho de 1818. p. 04.

coleção da família imperial contribuiu para que fosse consagrado pela historiografia como o primeiro grande leilão de arte realizado no Brasil<sup>18</sup>.

Nas primeiras décadas do século XX, começava haver uma maior especialização dos leilões, embora o leilão de variedades, geralmente decorrente de morte ou falência, não deixasse de fazer parte de uma ordem geral. Os catálogos, por sua vez, passaram a trazer informações técnicas mais detalhadas sobre as obras e aos poucos foram extrapolando o jornal, tornando-se uma publicação independente e compondo um novo gênero literário. Os objetos artísticos ganharam maior projeção dentro dos leilões de móveis, tornando-se elementos que agregavam valor à coleção, ao ponto de merecerem um espaço de negociação próprio. Nas primeiras décadas do século XX, os anúncios de leilão na cidade do Rio de Janeiro contam com um número crescente de leilões dedicados exclusivamente à venda de obras de arte.

Os leilões de móveis comumente eram organizados a partir dos cômodos da residência, nota-se que a maior parte das pinturas, principalmente as pinturas a óleo e as de maior destaque estão localizadas na sala de visitas, algumas vezes também aparecem na sala de jantar, mas pouca vezes são mencionadas nos quartos, onde há uma predominância de gravuras. Nos catálogos, há um claro destaque às pinturas a óleo, mesmo assim, até as últimas décadas do século XIX são mencionadas somente algumas informações mais gerais sobre as obras, como a procedência e outras características como as molduras, incluindo, em alguns casos mais excepcionais, uma breve descrição. A importância dada às molduras chama a atenção. Frequentemente aludidas, elas poderiam ser de diversos materiais, como madeira, pelúcia e ouro, sendo que as douradas ganham destaque tanto quando a própria obra, muitas vezes.

Com o passar do tempo as informações se tornam mais detalhadas e complexas, com referências às técnicas utilizadas e alguns casos ao autor da obra, quando se tem conhecimento. É o caso da “Importante pintura a óleo sobre tela do autor P. Leroy, com lindas molduras douradas”, localizada na sala de visitas, segundo o catálogo do Leilão de móveis realizado pelo leiloeiro Assis Carneiro em 1895<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> SANTOS, Francisco Marques dos. O leilão do Paço de São Cristóvão. *Anuário do Museu imperial*. Petrópolis, vol.1., 1940. p. 152-316.

<sup>19</sup> Jornal do Commercio. Catálogo do Mimoso Leilão de Móveis realizado pelo leiloeiro Assis Carneiro. Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1895.

A questão da originalidade também surge como um elemento de diferenciação e valorização das obras de arte nos leilões de móveis. Muitos leiloeiros, inclusive, destacam a presença de obras originais na parte superior do anúncio, fornecendo, ao que tudo indica, maior confiabilidade e valor ao próprio empreendimento do leilão.

Os anúncios de leilões no *Jornal do Commercio* podem ser encontrados diariamente, embora a maior concentração seja na edição dominical. Eles nos trazem importantes informações sobre a origem das coleções, assim como sobre os mediadores do processo de negociação - geralmente um leiloeiro estabelecido, o local onde ocorria esse tipo de evento e outros aspectos relativos aos objetos e procedimentos próprios ao leilão.

Noticiado com bastante destaque, o que percebemos principalmente pela proporção dele em relação aos demais anúncios, o “Leilão de Ricos e Lindos Quadros a óleo em grande parte do muito conhecido pintor Castagnetto e outros pintores nacionais e estrangeiros e grandes quantidades de objetos de arte (...)”<sup>20</sup>, recebe o título de “Importante Galeria de pinturas a óleo do muito conhecido pintor Castagnetto”. O evento foi realizado, conforme consta no *Jornal do Commercio*, em um Armazém da Rua do Olvidor, 58, “generosamente cedido para este fim (...)”<sup>21</sup>, mas nenhuma informação foi mencionada na imprensa diária, na ocasião.

Antes mesmo da segunda década do século XX podemos perceber a consolidação de um mercado de leilões especializados em objetos artísticos, embora a prática de leiloá-los juntamente com mobiliário e outros objetos decorativos ainda fosse popularizada. O catálogo do “Importantíssimo Leilão de pinturas e objetos de arte” pertencentes ao espólio do grande bibliófilo e colecionador Ramos Paz realizado pelo leiloeiro Hernani em abril de 1920 é um bom exemplo<sup>22</sup>.

O leilão foi anunciado por mais de um mês com bastante destaque e as obras estiveram em exposição no armazém do leiloeiro durante parte desse tempo, para apreciação dos interessados. Além do catálogo publicado na imprensa, foram distribuídas versões impressas na semana do leilão. Nos anúncios, nota-se um claro destaque para o colecionador como elemento que qualifica as obras leiloadas. Embora mencionar o nome do proprietário dos

---

<sup>20</sup> *Jornal do Commercio*. Catálogo do Leilão de Ricos e Lindos Quadros a óleo. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1895.

<sup>21</sup> *Ib.*

<sup>22</sup> *Jornal do Commercio*. “Antecipação: Importantíssimo Leilão de pinturas e objectos de arte pertencentes ao esphólio do grande bibliophilo e colleccionador Ramos Paz realizado pelo leiloeiro Hernani”. Rio de Janeiro, 07 de março de 1920. p. 15.

objetos em leilões de móveis fosse uma prática corrente e também funcionasse como garantia da qualidade e boa procedência dos objetos, o adjetivo “coleccionador” agrega certa diferenciação com enfoque no procedimento e sistemática de aquisição.

O catálogo continha uma relação de 509 peças e foi dividido por técnica (quadros a óleo; aquarelas; guaches; gravuras e ilustrações; porcelanas, medalhas, joias, etc.); demonstrando uma cuidadosa pesquisa, que incluía descrições detalhadas sobre algumas das obras. Apesar de não haver informações sobre as dimensões ou a data das obras, o trazia dados sobre técnica, gênero, autor (nome, nacionalidade, escola, ), título e/ou tema das obras, se eram cópias ou estudos, entre outros.

Mesmo em anúncios como o do “Importantíssimo Leilão de Raríssimos e notáveis objetos de arte”, proclamado por Virgílio em 1925<sup>23</sup>, embora o leilão incluísse uma “coleção de imenso valor em moveis antigos de jacarandá de vários estilos e épocas”, são as obras de arte que merecem o maior destaque. Isso mostra que a valorização dos objetos artísticos nos leilões não só conquistou um espaço específico com os leilões especializados, mas também inverteu o papel desses objetos dentro dos leilões de móveis.

Ao longo do século XIX, a prática do leilão ganhou projeção entre as atividades de caráter comercial na cidade do Rio de Janeiro, garantiu um espaço de publicidade na imprensa carioca e gerou a necessidade de regulamentação. Esse processo de profissionalização foi seguido por uma especialização cada vez maior dos leilões com a finalidade de atender às diferentes demandas desse mercado. A crescente valorização dos objetos artísticos nesse cenário aponta para a necessidade cada vez mais evidente de enfrentarmos o leilão como espaço de debate sobre a história da circulação e negociação de obras de arte no Brasil.

---

<sup>23</sup> Jornal do Commercio. “Importantíssimo Leilão de Raríssimos e notáveis objectos de arte” a ser realizado pelo leiloeiro Virgílio Lopes Rodrigues. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1925. p. 16.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRARD, François-Auguste. *Doux années au Brésil; ouvre ill. de 180 vignettes dessinée par Riau*. Paris, L. Hachette, 1862.

CASTELNUOVO, Enrico. *Retrato e Sociedade na Arte Italiana*. Ensaios de história social da arte. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855-1985*. São Paulo: Perspectiva, 1989;

GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliana, 1965.

HUDA, Shireen. *Pedigree and Panache: A history of the Art Auction in Australia*. Canberra/Austrália: ANU E Press, 2008.

LEARMOUNT, Brian. *A history of the auction*. London: Bernard&Learmount, 1985.

MOULIN, Raymond. *El mercado del Arte*. Buenos Aires: La Marca Editora,

PEREIRA, Mayara. *O comercio de instrumentos musicais no Rio de Janeiro no início do século XIX: um olhar através dos anúncios de jornais*. Rio de Janeiro: Anais do II Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Musicologia – SIMPOM, 2012.

SANTOS, Francisco Marques dos. O leilão do Paço de São Cristóvão. *Anuário do Museu imperial*. Petrópolis, vol.1., 1940. p. 152-316.

SILVA, Camila Borges. O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.

WARREN, Jeremy; TURPIN, Adriana. *Actions, Agents and dealers: The Mechanisms of the Art Market (1660-1830)*. London: Archaeopress, 2008. pp. 10.